

# Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



## A CINEMATOGRAFIA E AS (RE)PRODUÇÕES DE GÊNERO

The cinematography and the (re) productions of genre

Donavan Farias Machado<sup>1</sup>

Adilson Cristiano Habowski<sup>2</sup>

Elaine Conte<sup>3</sup>

### Resumo

O trabalho discute sobre as ideologias transmitidas pela cinematografia, que causam a perda de sentido e o enrijecimento intelectual na ausência da (auto)crítica. A sociedade semiformada reflete a passividade e a reprodução de falsas verdades em formas de vida massificadoras, promovidas pela indústria cultural, que podem legitimar a ignorância, tornando-se mantenedoras do *status quo* e da homogeneização. Contudo, podem ser reconhecidas como encontro dialógico para revisar concepções e propor mudanças. Os problemas partilhados precisam do olhar crítico-reflexivo frente às produções, para resistir à disseminação de desigualdades, preconceitos e exclusões, no sentido de gerar novas compreensões, romper com os (co)modismos e fazer deste recurso um pretexto para questionar as narrativas desiguais e dominadoras. Subjacente às produções cinematográficas, conforme os teóricos frankfurtianos Adorno e Horkheimer (1985), sobrevive a indústria cultural, que em sua lógica de mercado, promove postura apassivada, reprodutivista e consumista dos telespectadores frente ao mundo.

**Palavras-chave:** Indústria cultural. Cinema. Gênero.

### Abstract

The work discusses the ideologies transmitted by the cinematography, which cause the loss of meaning and intellectual stiffening in the absence of (self-) criticism. The semiformada society reflects the passivity and the reproduction of false truths in life forms massificadoras, promoted by the cultural industry, which can legitimise the ignorance, becoming supporters of the status quo and homogenization. However, can be recognized as find Dialogic to review concepts and propose changes. The shared problems require the critical eye-

<sup>1</sup> Bacharel em Direito pelo Instituto de Ensino Superior de Santo Ângelo-RS (IESA). Graduando em Teologia pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF).

<sup>2</sup> Graduando em Teologia da Universidade La Salle. Bolsista FAPERGS – PROBIC.

<sup>3</sup> Professora da Universidade La Salle. Líder do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação - ETE/UNILASALLE/CNPq.

reflective front productions, to resist the spread of inequality, prejudice and exclusion, in order to generate new understandings, break with the (co) fashions and make this resource a pretext for questioning unequal narratives and mistresses. Underlying the film productions as frankfurtianos theorists Adorno and Horkheimer (1985), survives the cultural industry, which in your logic of the market, fosters posture.

**Keywords:** Cultural Industry. Cinema. Genre.

### Considerações Iniciais

A temática da análise crítica do cinema revela-se necessária para sensibilizar o debate entre vozes contrárias e discordantes em relação às questões de gênero e sexualidade na sociedade, uma vez que a visualização dos filmes nos leva a pensar, sendo hoje de domínio público (dada a virtualidade com que podemos baixá-los em nossos computadores gratuitamente, exemplo disso é o uTorrent e o uso da plataforma Netflix). As obras cinematográficas são paradoxais, pois tanto evidenciam padrões que podem ser ressignificados no debate comunicativo-dialético, quanto coincidem com uma cultura massificada das manifestações de gênero em todas as esferas da sociedade, tomadas de forma mecânica e silenciadora, apoiadas na identificação cultural das subjetividades à mercadoria. O problema é que, muitas vezes, os artefatos tecnológicos são descontextualizados e desvinculados de uma racionalidade aprendente do conhecimento humano em sua (re) criação. Assim, acabam inseridos em sociedade de modo superficial, como máquina de transmissão e reprodução de preconceitos, o que não qualifica as experiências proporcionadas, recaindo na simples posição de expectadores (prioriza-se os prazeres em detrimento das exigências de análise crítica e contradição), sem a ativação do pensar (pseudoautonomia que molda subjetividades) e o despertar para o diálogo com as ambiguidades e dilemas vitais.

Faz-se necessário um olhar crítico e atento sobre o material dispersivo que é produzido nas obras cinematográficas, em especial, a respeito das ideologias que se encontram subjacentes em cada obra, para que não se tornem conservadoras de gestos ofensivos, de aceleração mecânica das rotinas e de preconceitos de gênero, devido à ausência de debates formativos, que possibilitem o compartilhamento das compreensões e de reconstruções para dissolução de problemas vitais. Os discursos presentes na produção cinematográfica são, em inúmeras ocasiões, contraditórios e de modelos preexistentes que

não contemplam as diferenças. Por isso, precisa fazer uso desses artefatos tecnológicos, não como legitimação de discursos ideológicos, mas sob um olhar crítico-reflexivo para romper com a construção de um pensamento excludente e uniformizador, buscando a ampliação dos saberes de gênero e sexualidade em uma perspectiva biológica, histórica, cultural e política, por meio de um clima de liberdade de expressão e de comunicação.

Na sociedade contemporânea, a desigualdade de gênero encontra-se fortemente vinculada com o patriarcalismo, que historicamente e culturalmente foi construído, apresentando a figura feminina como ser submisso e inferior ao masculino. De certa forma, encontramos na arte da cinematografia um potencial formador de opiniões, que pode tanto legitimar a ignorância pelo desconforto e homogeneização das questões de gênero (diferenciação social), tornando-se mantenedora do status quo ou pode ser reconhecida como uma forma de prepara-se para o contato com o outro (na tentativa de colocar-se no lugar do outro) e com as diferenças, visando problematizar e aprender o mundo. Subjacente às produções cinematográficas, conforme os teóricos frankfurtianos Adorno e Horkheimer, sobrevive a indústria cultural, que em sua lógica de mercado (do consumo, do descarte e da produção de uma nova necessidade pelo desejo de compra), promove uma postura acrítica de seus telespectadores frente ao mundo<sup>4</sup>. O pensamento dialético da contradição é apontado como o remédio para superar a semiformação socializada.

O estudo propõe olhar criticamente as concepções de feminilidade e masculinidade transmitidas pelo cinema, que tendem a homogeneizar o pensamento humano enquanto um processo sustentado na experiência da contradição sobre a sujeição existente. A partir da necessidade de novas posturas que levem em conta uma sociedade que se desenvolve na história através do poder da comunicação, surge a seguinte indagação: De que forma desenvolver uma postura crítica frente aos artefatos cinematográficos para romper com a propensão a ideias preconcebidas e desrespeito às questões de gênero? Existem obras cinematográficas marcadas pela contradição e pela abertura dialógica ao pensar e agir diferentes, capazes que não se alinham aos totalitarismos do mercado? Visando-se, assim, uma formação como um espaço privilegiado para a construção da igualdade de gênero e à ruptura do status quo que tanto é mantido e perpetuado pelas produções da indústria cultural. Se não podemos eliminar as produções ideológicas desta cultura mercadológica,

---

<sup>4</sup> ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *A Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

então, precisamos desenvolver um olhar crítico e decodificador das ideologias subjacentes às produções cinematográficas, que legitimam e promovem desigualdades de gênero como uma forma de reeducação.

A hermenêutica tem por finalidade produzir conhecimento através da mediação e relação comunicativa entre sujeitos e o meio, pois ela inspira diálogos do conhecer-se a si mesmo no outro. Na medida em que o sujeito se relaciona com o outro e o contexto cultural ele passa a se (re)conhecer como sujeito de sua própria história e cidadão do mundo, fazendo análises críticas das condições vividas. Salientamos a necessidade de uma educação para a diversidade que forme sujeitos críticos e interessados pela emancipação frente aos produtos culturais, visando resistir a toda e qualquer forma de ofensa e humilhação, incluindo-se nesta aproximação a desigualdade de gênero na sociedade.

O estudo divide-se em três capítulos. O primeiro caracteriza o cinema como meio de transmissão ideológica da indústria cultural, conforme defendem Adorno e Horkheimer. Em seguida, apresenta alguns fatores que revelam a legitimação da desigualdade de gênero por parte do cinema. Por fim, destacamos que há outra parte da indústria cinematográfica, ainda minoria, que procura romper com alguns paradigmas de gênero, evidenciando questões contemporâneas, ajudando na construção de uma sociedade crítica de si e compreensiva para com o outro.

### **A desigualdade de gênero veiculada pelo cinema**

A desigualdade de gênero surge como uma forma de renúncia ao pensar, que na sua forma objetificada, coisificada e arrastada por ilusões, diferindo os saberes da experiência pelo princípio da dominação cega e da aparência ideológica vinculada ao aparato econômico. Por isso, os aspectos da desigualdade de gênero precisam ser discutidos no campo formativo, de modo que operem mudanças diante das ofensas e humilhações das experiências vividas em nossa sociedade. As injustiças e discriminações se legitimam desde a dificuldade de entendimento entre as diferenças. Portanto,

É comum confundir sexo e gênero, e, por isso, é importante apresentar os dois conceitos. As diferenças de sexo são as distinções biológicas dos corpos de

mulheres e homens, as diferenças físicas. O conceito de gênero está ligado à construção social de ser mulher ou homem, ao feminino e ao masculino<sup>5</sup>.

O gênero não é biológico, mas é uma construção e desenvolvimento no movimento social ao longo da vida, levando em consideração os elementos psicológicos e socioculturais. Trata-se de entender os sujeitos (homens e mulheres) não como fator resultante do sexo e de distinções biológicas, mas como pessoa com oportunidade de alcançar o espaço das diferenças e o cuidado com a vida de si e do outro. Da mesma forma que o gênero é uma construção da pessoa em relação ao meio, a injustiça e a exacerbação contemporânea do valor de troca (enquanto forma de desigualdade) também se desenvolve em um processo de construção social e complexidade, que condiciona a formação humana.

O patriarcalismo que perdura historicamente não é condição natural, mas imposição e manutenção de uma forma de vida que determina o pensar social. Parece que, o papel da mulher, em inúmeras ocasiões e contextos, é inferior ao do homem, cujo propósito maior é fruto da negação da voz e da liberdade feminina em nome de interesses dominantes de poder motivados socialmente. A forma apassivada como incorporamos as ideias da indústria cultural perpetua um sistema acrítico que aprendemos no trato prático com o mundo objetivo, funcionalista e da preguiça da práxis. Conforme Kaplan esclarece:

O modo pelo qual a mulher é imaginada nos dramas convencionais de Hollywood emerge do inconsciente patriarcal masculino. São medos e fantasias do homem sobre a mulher que achamos nos filmes, não perspectivas e inquietações femininas. Argumento também como o melodrama hollywoodiano pode (veja meu livro *Motherhood and Representation - Maternidade e Representação*, de 1992), em algumas de suas formas, expressar os sofrimentos, conflitos e opressões femininas em função do patriarcalismo, mas que ainda em sua grande maioria os gêneros de Hollywood ainda focalizam o que concerne aos homens, desejos e fantasias masculinos<sup>6</sup>.

As produções cinematográficas não só mantêm o *status quo*, mas disseminam ideologias hegemônicas, segregadoras, desigualdades em modos de pensar para as gerações futuras. No instante em que passamos a ter contato com qualquer obra cinematográfica, já está sendo incutido um modo normatizador de pensar a partir de verdades compartilhadas e não pela diversidade que leva à produção do conhecimento. A “manipulação intencional da linguagem audiovisual é aceita plenamente pelo público em geral, e seu objetivo principal é

---

<sup>5</sup> ZAULI, Amanda *et al.* *Reflexões sobre diversidade e gênero*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013, 40p.

<sup>6</sup> KAPLAN, Elizabeth Ann. *A Mulher e o Cinema: os dois lados da câmera*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 212.

o de criar uma verossimilhança com a realidade, passar-se pelo mundo real.”<sup>7</sup> Aquele que destoa desse padrão comum é visto como um sujeito diferente, estranho, problemático e passa a ser rejeitado e excluído do meio social.

A desigualdade de gênero disseminada pelo cinema não permanece meramente nas obras infantis, mas se evidencia nas produções cinematográficas como um todo. A mulher é tratada como um ser submisso, domesticado, que não deve ter opinião própria (ou não deve ser “parteira de ideias” desde os dogmas religiosos, passando pela caça às bruxas) e subsumir-se à prestação de serviços, diretrizes e prazeres do homem. Para Bordwell, “por intermédio da tecnologia do cinema, da estrutura narrativa, dos processos ‘enunciativos’ e tipos particulares de representação (por exemplo, as da mulher), o cinema constrói as posições subjetivas que são definidas pela ideologia e pela formação social.”<sup>8</sup> O cinema é um grande formador de opiniões e reafirma que “nossa cultura difundiu a ideia de que o corpo da mulher é um espetáculo a ser olhado, e que essa deve conhecer o seu lugar (provavelmente à beira de um tanque ou fogão).”<sup>9</sup>

A desigualdade de gênero validada e apresentada pelo cinema não só aniquila as oportunidades das mulheres na vida social, como também dá margem para a violência, ofensas pessoais e assédio moral e sexual. O estupro, a humilhação e a violência familiar passam a ser naturalizados no cotidiano e a indiferença ao sofrimento do outro (da outra mulher), legitima-se no argumento de superioridade do homem. Conforme Feitosa, Lima e Medeiros:

A violência constitui o instrumento mais antigo de expressão do poder do homem, e está presente na vida de milhões de mulheres de todas as classes sociais, raças/etnias e orientação sexual. É por meio desse instrumento que o mundo masculino impõe sua dominação no momento em que as mulheres ousam contrariar o papel a elas reservado. As diferentes práticas de violência contra as mulheres, como a física, a simbólica, sexual, patrimonial, foram naturalizadas no seio da sociedade e se fazem presentes tanto nos espaços de intimidade como no espaço público.<sup>10</sup>

<sup>7</sup> GUBERNIKOFF, Gisele. A imagem: representação da mulher no cinema. *Revista conexão - Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, vol. 8, no. 15, jan./jun. 2009, p. 69.

<sup>8</sup> BORDWELL, David. Estudos de cinema hoje e as vicissitudes da grande teoria. In: RAMOS, Fernão (Org.). *Teoria contemporânea do cinema*. Volume I. São Paulo: Editora Senac, 2005, p. 32.

<sup>9</sup> GUBERNIKOFF, 2009, p. 72.

<sup>10</sup> FEITOSA, Sônia de M.; LIMA, Marwyla G.; MEDEIROS, Milena G. Patriarcado e forró: uma análise de gênero. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Florianópolis, 2010, p. 4.

A cada obra cinematográfica produzida mais evidenciamos uma mídia que serve ao capitalismo e dimensiona estereótipos do imaginário social, como se a questão de gênero fosse sinônimo de (in)capacidade ou limitação, quando na verdade sabemos que é uma questão de ordem cultural e não natural. Mesmo com tantas conquistas por parte das mulheres na atualidade, como o direito ao voto pelas sufragistas, ocupação de cargos políticos e da relevância social, ainda a mulher é ensinada tendo em vista as regulações simbólicas. Muitas manifestações femininas são repudiadas e qualquer argumento que clame por mais igualdade de direitos é ignorado, assim como “nos filmes de Hollywood é negada à mulher uma voz ativa e um discurso e seu desejo está sujeitado ao desejo masculino. Em silêncio, elas vivem vidas frustradas ou, se resistem a essa condição, sacrificam as próprias vidas por tal ousadia.”<sup>11</sup>

Uma das formas de comercialização da mulher como produto para consumo masculino pelo cinema é a pornografia, que mesmo não sendo anunciado em outdoors da sociedade, é um dos elementos que se encontram presentes nas entranhas da sociedade. A mulher é apresentada como objeto de uso e deleite do homem, dando legitimidade e naturalidade a agressões sexuais e a desigualdade de gênero. Esse sistema social fortemente sustentado pela indústria cultural faz uso do cinema para sua legitimação em uma espécie de segmentação programada da evolução cultural humana. É evidente que não podemos eliminar a arte cinematográfica enquanto complexidade que requer um pensamento dialógico. Por tudo isso, vemos a necessidade de desenvolver um olhar crítico para o rompimento do *status quo* acerca do que nos é passado enquanto ideologia, e a educação tem um papel fundamental neste debate, mapeando outras formas de diálogo com as diferenças nas interlocuções, realizando uma revisão das questões de gênero na totalidade interpretativa.

### **Outras perspectivas da indústria cultural**

Diante das complexidades e dos desafios que as obras cinematográficas nos apresentam, é possível utilizá-las, problematizando as suas dimensões explícitas e subjacentes, a fim de coordenar estudos que gerem processos de revisão e (re)construção crítica dos conhecimentos veiculados. Os artefatos fílmicos também servem para a

---

<sup>11</sup> KAPLAN, 1995, p. 24.



expressão humana, (re)conhecimento das diferenças e produção de novas ideias, envolvendo sedução, sentimentos e emoções, numa dimensão de alteridade, provocando o debate acerca de paradoxos e das diferenças culturais, revisando formas de pensar e agir no campo social. Portanto, “a chance de um filme se tornar um produto emancipado reside no esforço de se romper com esse nós, isto é, com o caráter coletivo a priori (inconsciente e irracional) e colocá-lo a serviço da intenção iluminista: autorreflexão crítica sobre si mesmo.”<sup>12</sup>

As reproduções cinematográficas servem como meios de publicizar os dilemas que permeiam a sociedade, servindo de voz para aqueles que nunca teriam a possibilidade de falar e serem ouvidos. De certa forma, o cinema que brota de pequenos grupos e de contextos regionais torna-se um reflexo de sua própria cultura e uma ferramenta revolucionária. As problemáticas apresentadas não se limitam a discutir sobre questões financiadas e descontextualizadas do meio em que foi produzido, mas surgem de assuntos pungentes das classes sociais, das diferenças de nacionalidades, das condições difíceis e periféricas. Deixa-se de lado o abismo entre alta e baixa cultura, abrindo caminhos e horizontes para as diferenças e as experiências do cotidiano, num estilo poético e artístico.

Para a crítica feminista, portanto, a autoria precisava ser ressignificada como um empreendimento estético-político que possibilitasse uma análise tanto historiográfica quanto estilística do cinema de mulheres. Para além da evidência de uma crítica centrada unicamente na espetatorialidade como um campo não perpassado pelos trânsitos cinematográficos das mulheres que fazem seus filmes<sup>13</sup>.

Existe resistência por parte da cinematografia (ainda minoria), que rompe com esse paradigma consumista, elitista e patriarcalista, trazendo em suas películas assuntos concernentes à nossa realidade. São temas que necessitam do envolvimento e investigação pela comunidade para que possa, com base na equidade de diálogo, (des/re)construir uma sociedade crítica de si e compreensiva do mundo. Pode-se dizer que esse nicho da sétima arte tem levado a conhecimento popular assuntos que, na maioria das vezes, são silenciados pelas multimídias globais. Os temas abordados nos filmes retratam as problemáticas vividas no cotidiano de pessoas comuns e servem de base a pesquisas (documentários em sua maioria).

<sup>12</sup> LOUREIRO, Robson. Educação, cinema e estética: elementos para uma reeducação do olhar. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, vol. 33, no.1, jan./jun. 2008, p. 145.

<sup>13</sup> DANTAS, Daiany Ferreira. *Corpos visíveis: matéria e performance no cinema de mulheres*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. 2015, p. 93.



*The Testimony*, um documentário produzido pela Netflix, dirigido por Vanessa Block, trata sobre o julgamento de quase 30 soldados da República Democrática do Congo acusados por cometerem estupro coletivo em mulheres e adolescentes de uma aldeia no território congolês. O detalhe importante a ser frisado que é a primeira vez que o poder judiciário congolês processa e julga esse tipo de crime, trazendo as vítimas para serem ouvidas no tribunal. São mulheres nascidas e criadas nos moldes de uma sociedade patriarcal e extremamente machista, em que a mulher é direcionada aos trabalhos domésticos, agrícolas e à servidão ao marido. Praticamente todas as mulheres foram abandonadas pelos companheiros após o evento criminoso, sob a alegação de estarem infectadas ou impuras por terem sido estupradas. O documentário apresenta os momentos de entrevista com as mulheres e algumas sessões do julgamento do processo como, por exemplo, as inquirições das vítimas.

O filme espanhol *Todo sobre mi madre*, dirigido por Pedro Almodóvar, é um tanto abrangente, pois aborda as temáticas da maternidade, travestilidade, fé e religião, doenças sexualmente transmissíveis e prostituição. A personagem Manuela, enfermeira de um hospital de Madri, perde precocemente seu único filho, atropelado por um carro. Manuela mergulha numa profunda depressão, fazendo com que ela retorne à Barcelona, em busca do pai de seu filho. O retorno à cidade permite a ela reencontrar Agrado, uma antiga amiga e travesti que tem como profissão a prostituição. Ainda em Barcelona, Manuela conhece Rosa, uma freira que trabalha em prol de pessoas portadoras de HIV e que se descobre portadora do vírus e grávida de um travesti. O que mais impressiona no filme é “a naturalidade com que o escândalo e a transgressão aparecem e vão se tornando eles próprios objetos de atração e, por que não, de identificação dos espectadores.”<sup>14</sup>

*Todo sobre mi madre* é um filme que apresenta várias perspectivas temáticas em uma única história. Pode-se abordar o tema sob a ótica da monoparentalidade e os seus desafios num cenário patriarcal e machista. Também as questões que emergem dos traumas nas famílias e neste caso específico, nas mães ao perderem seus filhos por morte trágica e precoce. Outra dimensão abrange as relações afetivas de religiosos e religiosas e como isso é visto e interpretado pela comunidade extramuros e intramuros. Sem esquecer-se do tema

---

<sup>14</sup> MALUF, Sônia Weidner. Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. *Estudos Feministas*, ano 10, p. 143-153, primeiro semestre de 2002, p. 144.

que tange a travestilidade, assunto talvez mais visível aos olhos dos espectadores, sobretudo, ao uso e afirmação dos corpos transgêneros.

A experiência transgênero é um dos temas que têm possibilitado uma renovação das reflexões, dos conceitos e da própria teoria dentro do campo de estudos feministas e de gênero. Isso porque – em suas diferentes formas de manifestação – ela tem revelado aspectos do gênero que durante muito tempo ficaram relegadas ou à sua construção teórica ou à perspectiva comparativa com culturas outras. Justamente os aspectos que mais sobressaem na reflexão sobre a experiência transgender estão ligados ao caráter artificial e fabricado do gênero e das diferenças de gênero, ou seja, de sua fabricação cultural, social e política<sup>15</sup>.

Interessante levar em conta o processo de construção de gênero e identidade, visto que está correlacionado à construção sociocultural, a partir de experiências vividas conduzindo ao processo de identificação. Na verdade, “tudo sobre minha mãe vai um pouco na contramão desses filmes que têm como tema a tensão entre ocultamento e descoberta (e que se fundamentam em outra tensão: ou se é homem ou se é mulher, e a prova dos nove é o corpo anatômico, substantivo, objetificado).”<sup>16</sup> No caso da pessoa transgênera, há um paradoxo no que tange à construção de sujeito, pois “aquele que estruturalmente se encontra na posição de sujeito busca se construir contingencialmente como sujeito, não mais na posição estruturalmente fixada, mas na experiência instável da transformação.”<sup>17</sup> A pessoa que se transforma desloca a posição de sujeito de um lugar estruturalmente fixo, quebrando um paradigma biológico, social e político. Assim, “a experiência corporificada de ‘tornar-se outro’, ao mesmo tempo que dramatiza os mecanismos de construção da diferença, não deixa de ser um empreendimento anti-herárquico que desestabiliza as políticas dominantes da subjetividade.”<sup>18</sup>

Já o filme *Orações para Bobby* é um drama que retrata a história de Bobby Griffith e da forma como sua mãe, Mary Griffith lida com as questões referentes à orientação homossexual, em razão dos preconceitos e tabus oriundos de questões religiosas. O esforço de Mary durante o filme é de fazer com que Bobby aceite a situação de pecador. E a partir dessa tomada de consciência, orienta que Bobby inicie um processo de mudança na sua orientação sexual. Tomada por discursos religiosos que excluem os homossexuais como infiéis e indignos do amor de Deus, ela começa a criar caminhos difíceis para a família,

---

<sup>15</sup> MALUF, 2002, p. 144.

<sup>16</sup> MALUF, 2002, p. 145.

<sup>17</sup> MALUF, 2002, p. 151.

<sup>18</sup> MALUF, 2002, p. 151.

especialmente para Bobby, que perde a ligação (filiação) com o sagrado pela indeterminação e aniquilamento de sua presença viva, no mundo errático em que vive.

A busca pelos diversos tratamentos de “cura gay” tem início quando Mary lê a frase em um livro de tratamento psicológico: “Se um homossexual que quer renunciar à homossexualidade encontra um psiquiatra que sabe curar a homossexualidade, ele tem uma grande chance de se tornar um heterossexual feliz e nos eixos”. A partir disso, Mary leva o filho a uma psiquiatra e exige que Bobby esteja entusiasmado para que a cura seja eficaz, afirmando que ele está equivocado quanto à sua sexualidade por não ter se relacionado com menina (sofrendo uma espécie de sexualidade mutilada), reforçando para que o pai se aproxime mais do filho para lhe oferecer uma figura de masculinidade. No filme, Bobby sofre regressões com as condutas invasivas por meio de discursos proferidos pela psiquiatra, por um grupo religioso e, principalmente, pela mãe.

Assim, sofrendo com a exclusão e o preconceito e não sabendo como lidar diante das dificuldades com o ambiente de repressão no qual vive, Bobby opta pelo suicídio como um ato extremo para acabar com seu sofrimento físico e psíquico. Mary tenta se livrar da culpa e do sofrimento da perda do filho buscando apoio em uma igreja, onde há um padre que reconhece os sujeitos com orientação homossexual. Mary começa a frequentar o grupo orientado pelo padre e aprende novas concepções a respeito da homossexualidade. Em uma de suas afirmações ao padre, Mary diz: “agora eu sei por que Deus não curou o Bobby, não curou porque não havia nada de errado com ele”. Desta forma, passar pela experiência da morte trágica de Bobby fez com que Mary aprendesse com esse sofrimento a rever suas próprias verdades, uma vez que pessoas homossexuais são alvos de regressão em espaços preconceituosos (que já não correspondem às experiências e movimentos da vida). Na trama, o sacerdote Whitsell (Dan Butler) ao dialogar com Mary, após a morte de Bobby, afirma: “Ter fé cega é tão perigoso quanto não ter fé nenhuma. Questionar sua fé faz com que você tenha uma fé mais profunda”. O questionamento permite encontrar respostas para superar os próprios limites e preconceitos humanos.

Contudo, ao interagir e abordar a problematização das experiências comuns visando a abertura à multiculturalidade e o respeito às diferenças, esses tipos de cinematografias tornam viável uma análise das diversas concepções e compreensões adormecidas ou esquecidas pela cultura dominante, (re)construindo, através do (re)conhecimento mútuo a conversação. A experiência da cinematografia refletida gera um

olhar sensibilizado para as práticas de ensinar e de aprender, tornando todos participantes da convivência social humanizada, para o reconhecimento dos estranhamentos, num movimento de interpretação e de desnaturalização do agir humano.

Nas obras cinematográficas a reprodutibilidade técnica do produto não é, como no caso da literatura ou da pintura, uma condição externa para sua difusão maciça [...] Esta não apenas permite, da forma mais imediata, a difusão em massa da obra cinematográfica, como a torna obrigatória. A difusão se torna obrigatória, porque a produção de um filme é tão cara que um consumidor, que poderia, por exemplo, pagar um quadro, não pode mais pagar um filme. O filme é uma criação da coletividade<sup>19</sup>.

As obras cinematográficas despertam o pensar, uma vez que apresentam possibilidades para novas compreensões da complexidade humana, que podem ser trazidas para a esfera pública e democrática do agir comunicativo. Com essa perspectiva, Benjamin considera que a democratização da produção cinematográfica é uma tendência progressista e de dimensão emancipadora<sup>20</sup>.

Benjamin destaca o cinema como artefato cultural da humanidade, uma vez que afeta toda a população, gerando maior sensibilidade, pois as imagens cinematográficas são imensamente significativas, capazes de adentrar no mundo real e no imaginário social. Com base em Benjamin, o cinema passa a ter um potencial ativo na produção da cultura de massa, tornando a manifestação pessoal coagida em meio à coletividade e provocando a renovação ou não das estruturas sociais pelo poder da comunicação<sup>21</sup>. A massificação dos sujeitos por meio do cinema revela o quanto essa técnica de reprodução cultural possui a capacidade de influenciar pensamentos, identidades e ações, inclusive pela incessante repetição de mentiras que assumem conotações de verdade multimidiática. Essa experiência crítica dos filmes conduz para novas percepções de mundo, uma vez que surge como possibilidade de formação que articula racionalidade e sensibilidade, na recriação e renovação do pensar e agir.

Aqui intervêm a câmera com seus inúmeros recursos auxiliares, suas imersões e emersões, suas interrupções e seus isolamentos, suas extensões e suas acelerações, suas ampliações e suas miniaturizações. Ele nos abre a experiência do

---

<sup>19</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 172.

<sup>20</sup> BENJAMIN, 1994.

<sup>21</sup> BENJAMIN, 1994.

inconsciente ótico, do mesmo modo que a psicanálise nos abre a experiência do inconsciente pulsional<sup>22</sup>.

O desenvolvimento destas temáticas, impulsionadas pelo olhar cinematográfico, são de grande relevância devido à falta de espaços para a realização desses diálogos sociais, o que gera a reprodução de conceitos equivocados, preconceitos e tabus que são depositados inclusive virtualmente. A cinematografia pode servir de pretexto e propulsão ao diálogo sobre questões sensíveis e complexas das interações humanas, problematizando as exclusões sociais, econômicas, de gênero e colaborando com os debates sobre o imaginário coletivo. Também evidenciamos que o cinema está criando movimentos de renovação das práticas sociais para uma sociedade menos injusta, regressiva e violenta com as diferenças, e que tem grande repercussão nas inacabadas linguagens do mundo que levam necessariamente a uma compreensão de (re)conhecimento mútuo.

[...] como a tecnologia dos 16 mm trouxe uma outra forma de olhar e abriu muito mais o cinema para as mulheres nos anos 60 e 70, a tecnologia digital tem feito mais diferença ainda, talvez não somente para as mulheres, mas também para pessoas tentando documentar situações de opressão. Palestinos tentando documentar sua condição, mulheres militantes israelenses indo para a Palestina e tentando filmar o que acontece nos postos de controle na fronteira. Nesse sentido, o cinema digital pode atuar como uma espécie de força de documentação, o que é particularmente útil nesses momentos de confronto. Eu penso que nessas situações ele se torna particularmente importante<sup>23</sup>.

A questão do gênero e das orientações sobre sexualidade presentes em todas as estruturas da vida social precisa encontrar um terreno para aprofundamentos que não mutilam ou tornem os sujeitos diferentes alvos de repressão, mas que conduzam a mudanças nos modos de pensar, sentir, comunicar e agir, respeitando as ambiguidades e indeterminações humanas. É desta forma que desenvolver filmes no sentido de respeitar as diferenças, vai ao encontro da cultura eminente, pois as produções cinematográficas se encontram em arenas que são capazes de replicar, compilar, numa mesma obra fílmica, uma multiplicidade de significados com valores sociais, interesses, ideologias, que mantem viva a busca do saber e do aprender dialógico. “Uma das funções mais importantes do cinema é criar um equilíbrio entre o homem e o aparelho. O cinema não realiza essa tarefa apenas pelo modo com que o homem se representa diante do aparelho, mas pelo modo com que

---

<sup>22</sup> BENJAMIN, 1994, p. 189.

<sup>23</sup> MULVEY, Laura. Entrevista. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13 (2), p. 351-362, mai./ago. 2005, p. 357.

ele representa o mundo, graças a esse aparelho.”<sup>24</sup> Pensar o cinema como um recurso crítico e desafiador constitui uma alternativa interessante e possível, pois a forma com que os filmes são construídos para dialogar com a (inter)subjetividade de quem assiste permite diversas reflexões acerca da sociedade, da política, do preconceito, das incertezas da vida.

Benjamin atesta que a linguagem cinematográfica tem um grande poder para comunicar e gerar aprendizagens sociais, além de congrega distintas realidades para uma nova percepção da constituição humana e das relações com a experiência das emoções. “Mais uma vez, a arte põe-se a serviço desse aprendizado. Isso se aplica, em primeira instância, ao cinema. O filme serve para exercitar o homem nas novas percepções e reações exigidas por um aparelho técnico cujo papel cresce cada vez mais em sua vida cotidiana”<sup>25</sup>. Entender o sentido terapêutico do cinema para despertar a reflexão escolar de certa forma revela também o imaginário social e demonstra sua efetiva potencialidade no contexto aberto de novas aprendizagens. Se a linguagem cinematográfica produz um sentido narrativo de representação que mescla realidade e ficção, sem muito distanciamento, cabe aos processos pedagógicos escolares problematizar as obras fílmicas para sensibilizar os debates em relação às questões de gênero e aos preconceitos enraizados culturalmente. O artefato fílmico é uma forma de resistir aos discursos de exclusão e segregação por parte de todos os segmentos da sociedade, revendo as crenças sobre os conhecimentos científicos, valorativos, sociais, enfim, sobre todos os condicionamentos a que estamos submetidos coletivamente.

### **Considerações Finais**

Se os artefatos cinematográficos estão vinculados e presentes nos contextos sociais como uma das formas de linguagem e que estão repletos de ideologias e imposições, que provocam a manutenção do status quo e a promoção de uma postura acrítica, então precisamos discutir as questões problemáticas de gênero para o entendimento (entre os diferentes) e para uma aprendizagem evolutiva a partir de uma postura autocrítica. A indústria cultural homogeneiza as diferenças de acordo com os seus padrões mercadológicos e operativamente propaga a desigualdades de gênero por meio de certezas compartilhadas. Portanto, precisamos lançar luz às questões ideológicas para repensar o mundo e as

---

<sup>24</sup> BENJAMIN, 1994, p. 189.

<sup>25</sup> BENJAMIN, 1994, p. 174.

aprendizagens sociais, a fim de enfrentar a gênese, historicidade a validade de preconceitos como os de gênero ainda presentes.

A proposta é de aprender com a contradição e a diversidade interpretativa, que não pode continuar negando as subjetividades e singularidades de gênero, consideradas dicotômicas ou socialmente inferiores por construções históricas, mas é necessário realizar um processo emancipador, que começará na medida em que nos tornarmos críticos frente à indústria cultural e sua recursividade propagada pelo cinema. Ou seja, reaprender no trato com o mundo e com o outro faz reviver a própria condição humana, para compreender o cinema como parte ativa da construção de discursos que vamos aprimorando e aproximando aos anseios de uma sociedade emancipada e livre de discriminação de gênero, de acordo com as necessidades e diferenças. Afinal de contas, a sociedade é o espaço de interações para a (re) produção de identidades culturais, de reinvenção e transformação de nós mesmos com os outros, para além da lógica do mercado, que consiste na neutralização e imobilização das subjetividades.

O estudo realizado mostra que há elementos favoráveis para o desenvolvimento desse processo formativo na sociedade, como forma de autorreflexão crítica para resistir ao pensamento normatizador e excludente. Assim, tornamos possível uma apreciação das várias concepções e compreensões adormecidas pela cultura repressiva e dominante, reconstruindo com o reconhecimento do outro a transformação e o diálogo da cultura. Quando rompermos com as ideologias reguladoras do diálogo e legitimadoras de ditaduras da verdade, será possível usar o cinema como um dispositivo para reconstruir conhecimentos de potencial comunicacional, superando as relações coercitivas e desumanizadas pelo mercado global, que ainda sinaliza a construção histórico-social da desigualdade de gênero.

## Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *A Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORDWELL, David. Estudos de cinema hoje e as vicissitudes da grande teoria. In: RAMOS, Fernão (Org.). *Teoria contemporânea do cinema*. Volume I. São Paulo: Editora Senac, 2005.



DANTAS, Daiany Ferreira. *Corpos visíveis: matéria e performance no cinema de mulheres*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. 2015.

FEITOSA, Sônia de M.; LIMA, Marwyla G.; MEDEIROS, Milena G. Patriarcado e forró: uma análise de gênero. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Florianópolis, 2010.

GUBERNIKOFF, Gisele. A imagem: representação da mulher no cinema. *Revista conexão - Comunicação e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, vol. 8, no. 15, jan./jun. 2009.

KAPLAN, Elizabeth Ann. *A Mulher e o Cinema: os dois lados da câmera*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

LOUREIRO, Robson. Educação, cinema e estética: elementos para uma reeducação do olhar. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, vol. 33, no.1, jan./jun. 2008.

MALUF, Sônia Weidner. Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem. *Estudos Feministas*, ano 10, p. 143-153, primeiro semestre de 2002.

MULVEY, Laura. Entrevista. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13 (2), p. 351-362, mai./ago. 2005.

ZAULI, Amanda *et al.* *Reflexões sobre diversidade e gênero*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.